

Apelido cria folclore eleitoral em Brasília

ROBERTO SEABRA

Bolinha, Cafú, Tatá, Grilo e Fuísca. Careca, Gaúcho e Ligeirinho. Tibica, Dadá e Jacaré. O que pode parecer a escalação de um time de futebol da década de 50, na verdade, é uma pequena amostra dos apelidos que estão sendo usados pelos candidatos na eleição deste ano. Cerca de 200 candidatos a deputado federal e distrital por Brasília, entraram com pedido no Tribunal Regional Eleitoral de registro de apelidos e "nomes de guerra", onde figuram um José que quer ser chamado de He-Man, um Itamar de "Itália", um Raimundo de "Dólar" e um tal Martinho Paiva que escolheu o singelo apelido de "Vaquejinha".

Apesar do enxugamento feito pelo TRE, ainda sobraram apelidos para todos os gostos. Tem candidato com nome de profissão — Manoelzinho dos Táxis, Chiquinho Motorista, Chico Vigilante, Embaixador Murtinho e Delegado Feitosa; ou então de acordo com o local de trabalho ou residência: Raimundo do Hospital, Cardoso da Ceilândia, Eraldo do Eron, Euclides da Farmácia, e por aí vai. Isso acontece porque além do nome completo do candidato, o TRE permite a utilização de mais três variações do nome apelido pelo qual o político possa ser conhecido.

Um dos casos mais absurdos foi com relação à utilização do nome do presidente do PT, Luís Ignácio Lula da Silva. Quatro candidatos de partidos diferentes pediram a inclusão do apelido "Lula", em seus registros, sendo que dois deles nem ao menos se chamavam Luís. O candidato Paulo Alves da Silva, do PFL, também conhecido como Paulo Goyaz, tentou o registro com o nome do Lula sem

nenhuma justificativa. A ironia é que Paulo Goyaz foi o autor do recurso pedindo a anulação das candidaturas do PT, derrubado pelo TRE dias atrás.

SASSÁ E PANELA

Alguns apelidos exóticos foram liberados pelo TRE, em casos comprovados de relação com nome. É o caso de Zamor Magalhães, que conseguiu se registrar com o pomposo título de "O Filho do Cerrado" e Walter Nei Valente, o "Peninha". Outros que também se incluíram nessa regra foram Francisco das Chagas Cirilo, o "Chapéu de Couro"; Antônio José Pereira, o "Pop"; Antônio Carlos Correia, o "Doutor Favela"; e Luis Geraldo Matos, "Risado". Mas sem dúvida o apelido que mais deu trabalho ao TRE foi o de José Salvador Bispo de Oliveira, que conseguiu provar ao tribunal que era mais conhecido entre seus eleitores por "Sassá Mutema".

Um candidato tentou se registrar com seis apelidos diferentes, mantendo apenas o primeiro nome, Gildo da Silva ou também: Gildo da Sucata, Gildo da Assubrás, Gildo da Dieselbrás, Gildo Sucateiro, Gildo Ferro Velho ou Gildo Pai. Sua esposa, Marlene do Ferro Velho, Marlene do Gildo, Marlene Sucateira e Marlene Rainha da Sucata. Para felicidade dos eleitores, o TRE permite três nomes.

Dois candidatos se anteciparam a possíveis erros na grafia de seus nomes, criando mais duas variações linguísticas, como é o caso do candidato Wasny, que se registrou também com o nome de Asni ou Vasni; Marco Campanella, do PMDB, que resolveu facilitar o trabalho dos eleitores, reduzindo para a expressão "Panela".